

Capítulo 6

História do Tempo Presente, História Oral e ensino de História

Marieta de Moraes Ferreira

Introdução

Qual a contribuição que a História Oral pode trazer para o ensino de História? Qual o lugar da História hoje? Quais os desafios que se colocam para o ensino da História do Tempo Presente e na História do Tempo Presente? São estas questões que pretendemos discutir neste texto.

Para tal, pretendemos dividir este artigo em três partes; partindo dos debates contemporâneos sobre o lugar da História, fazer algumas reflexões sobre o estatuto da História do Tempo Presente, suas especificidades e desafios, privilegiando as discussões sobre o papel do *boom* de memórias e identidades. Uma segunda parte visa refletir sobre os desafios que se colocam para o ensino de História, em especial o ensino da História do Tempo Presente e, no tempo presente, em especial nos últimos tempos. Na terceira e última parte, pretendemos fazer algumas considerações sobre as contribuições da História Oral como um método de investigação histórica para o ensino de História.

Nos últimos tempos, tem sido recorrente a pergunta: qual o lugar da História no mundo contemporâneo? Charle trata do assunto focalizando especialmente as transformações ocorridas dentro da própria comunidade dos historiadores.¹ Já Hartog, em seu livro *Croire en l'histoire*, partindo da análise dos regimes de historicidade, aponta os problemas trazidos pelo presentismo e a perda do lugar de crença do mundo moderno.² Laurantin, na coletânea que reúne cerca de 40 autores de diferentes gerações, coloca a questão: Para que serve a História?³ Aqui no Brasil, coletânea organizada por Gonçalves e

¹ CHARLE, Christophe. *Homo historicus*: réflexions sur l'histoire, les historiens et les sciences sociales. Paris: Armand Collin, 2013.

² HARTOG, François. *Croire en l'histoire*. Paris: Flammarion, 2013.

³ LAURENTIN, E. *À quoi sert l'histoire aujourd'hui?* Paris: Bayard, 2010.

colaboradores também coloca esta mesma pergunta: Qual o lugar da História hoje?⁴

Essa questão tem sido recorrente, em grande parte pela perda, nas sociedades contemporâneas, do *status* da História, que ao longo dos séculos XIX e XX era vista como uma grande potência, como a disciplina *carrefour* das Ciências Sociais. Essa perda de posição tem sido identificada pela prevalência dos meios de comunicação no tratamento com o passado, na redução da carga horária da disciplina escolar na educação básica ou ainda na interpretação de um presentismo vigente, que se manifesta com as transformações trazidas pela aceleração do tempo, o foco no imediato e a perda de perspectiva futura.

Hartog tem especialmente se preocupado com essa temática ao analisar a perda do *status* da História como rainha das Ciências Humanas e sua dificuldade em manter seu papel de traço de união entre passado, presente e futuro.⁵ Charle chama atenção para a própria transformação da comunidade dos historiadores, que cresceu enormemente em tamanho e evoluiu para uma especialização exagerada, perdendo sua capacidade de interessar outros segmentos sociais.⁶

Esse questionamento, que acontece em diferentes países e é objeto de preocupação de historiadores de diferentes especialidades e que trabalham com diferentes temporalidades, afeta de maneira especial aqueles que trabalham com a chamada História do Tempo Presente.

Nesse contexto, cabe perguntar: Até que ponto esse presentismo amplifica as ameaças e os desafios para os historiadores da História do Tempo Presente? Ou, ao contrário, esse presentismo funciona como um estímulo para o historiador debruçar-se sobre o tempo presente e buscar, como nos sugere Hartog, compreender se esse presentismo é uma brecha momentânea ou algo que vai permanecer na longa duração? Enfim, qual o impacto do presentismo para a História do Tempo Presente e para o ensino de História?

Para avançarmos nessa discussão, é interessante seguir o percurso desse campo de investigação e clarificar a nossa compreensão da HTP.

⁴ GONÇALVES, Márcia de Almeida et al. (Org.). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012.

⁵ HARTOG, François. *Croire en l'histoire*, op. cit., 2013.

⁶ CHARLE, Christophe. *Homo historicus*, op. cit., 2013.

A História do Tempo Presente: um laboratório epistemológico

Ainda nos anos 1980, historiadores renomados reafirmavam os mesmos princípios, que estabeleciam uma série de interdições para o estudo dos períodos recentes, com vistas a garantir uma objetividade maior dos estudos, defendendo a importância da visão retrospectiva para uma boa análise histórica.

A criação do Instituto da História do Tempo Presente (IHTP) por François Bédarida buscou enfrentar esses desafios, e a primeira inovação trazida foi colocar em pauta a discussão acerca da união e da interação entre passado e presente. O segundo ponto era a afirmação de que tal História poderia perfeitamente repousar sobre bases científicas e que era preferível que esse período histórico pudesse figurar no domínio dos historiadores a ser objeto exclusivo de outras Ciências Sociais ou de jornalistas. No entanto, para garantir o sucesso dessa empreitada, era preciso assumir desafios epistemológicos e metodológicos.⁷

Uma questão que mereceu destaque foi a própria noção de “tempo presente” em seus múltiplos aspectos e suas relações com os contemporâneos, os testemunhos, os atores, a demanda social e as outras disciplinas. Desse debate emergiu uma questão relevante que foi a afirmação de que o “tempo presente” constitui um campo científico singular pela sua própria definição. A primeira dificuldade é que o período histórico em questão é definido por balizas móveis. Assim, que cronologia, que evento-chave e reconhecido deve ser adotado como marco inicial da História do Tempo Presente? Para alguns, trata-se do período que remonta a uma última grande ruptura; para outros, trata-se da época em que vivemos e de que temos lembranças ou da época cujas testemunhas são vivas e podem supervisionar o historiador e colocá-lo em xeque.⁸ Ou ainda, como afirma Hobsbawm, o tempo presente é o período durante o qual se produzem eventos que pressionam o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado, a rever as perspectivas, a redefinir as periodizações.⁹

⁷ BÉDARIDA, François. In: INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Ecrire l'histoire du temps présent: étude en hommage à François Bédarida*. Paris: CNRS, 1993. p. 391-492.

⁸ VOLDMAN, Danièle. *La Place des mots, le poids des témoins*. In: INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Ecrire l'histoire du temps présent: étude en hommage à François Bédarida*. Paris: CNRS, 1993. p. 123-132.

⁹ HOBBSBAWN, Eric J. Un Histoire et son temps présent. In: INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Ecrire l'histoire du temps présent: étude en hommage à François Bédarida*. Paris: CNRS, 1993; HOBBSBAWN, E. O presente como história. In: *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 243-255.

Foi considerando essa perspectiva que Bédarida declarou que a “História do Tempo Presente é feita de moradas provisórias”¹⁰. E isso significa dizer que seu *turnover* é muito rápido, e ela se reescreve constantemente, utilizando o mesmo material mediante acréscimos, revisões e correções.

O trabalho do historiador também enfrenta aí dificuldades, porque ele mesmo é também testemunha e ator de seu tempo e, muitas vezes, está sobremaneira envolvido nesse movimento de aceleração, o que fá-lo valorizar mais os eventos do tempo presente, especialmente porque os séculos XX e XXI têm sido mais ricos em grandes mudanças do que os fenômenos de longa duração, que necessitam de maior recuo.

O tempo presente definido segundo esses critérios é, portanto, um período móvel que se desloca com o desaparecimento progressivo das testemunhas.

A despeito do reconhecimento cada vez maior da História do Tempo Presente, os desafios permanecem, atualizam-se e exigem novas respostas. Como lidar com eventos não terminados e, conseqüentemente, com variáveis para análise que não podem ser previstas ao estudar processos não finalizados? Mais recentemente, Henry Rousso, em seu livro *La Dernière catástrofe*, retoma esses debates problematizando os grandes eventos traumáticos como marcos definidores da História do Tempo Presente.¹¹

Além desses problemas de delimitação cronológica, de disponibilidade de fontes, de visão retrospectiva já enfrentados e em grande parte equacionados, que outras características singularizariam o tempo presente em relação aos outros períodos?

O *boom* de memória, de patrimônio, de identidades e comemorações é apontado também como produtor de uma especificidade na HTP e gerador de um impacto maior entre os historiadores da História do Tempo Presente, uma vez que esses enfrentam mais diretamente a competição entre a memória e a história.

Ameaças e incertezas: o tempo presente, o ensino de História e o desafio de lidar com as demandas sociais

O *dever* de memórias e a busca incessante das identidades

Nesse contexto de hipervalorização das memórias e de identidades no mundo contemporâneo, inúmeros historiadores têm se dedicado à análise da

¹⁰ BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 221.

¹¹ ROUSSE, Henry. *La Dernière catástrofe: l'histoire, le présent, le contemporain*. Paris: Gallimard, 2013.

problemática. Philippe Joutard produziu reflexões interessantes nesse sentido, destacando que nos últimos 30 anos o mundo mergulhou no “reino da memória generalizada”, multiplicando as comemorações e invocando permanentemente o dever de memória. Ao mesmo tempo têm crescido a busca por identidades e a valorização do patrimônio em todas as suas formas: materiais e imateriais.¹²

Avaliação semelhante pode ser constatada também nas palavras de vários outros historiadores de diferentes correntes historiográficas e países. De acordo com o historiador alemão Lutz Niethammer, identidade é uma das palavras mais em voga nos dias de hoje, seja na política, na mídia ou nos estudos culturais.¹³ Tanto a identidade pessoal como a identidade coletiva (empresarial, de gênero, de região, étnica) constituem elementos essenciais para as sociedades pós-modernas.

Em *Les abus de la mémoire*, Tzvetan Todorov oferece subsídios para aprofundar esse debate ao introduzir a discussão das ameaças trazidas pela passagem “do dever de memória aos abusos da memória”¹⁴.

Partindo dessa constatação, fica evidenciada, por esses autores, a preocupação com o processo da “vitimização” das diferentes comunidades que sofreram no passado massacres ou perseguições, o que pode garantir, do ponto de vista simbólico, inúmeras vantagens. Nesse contexto de pressão das memórias sobre sua prática profissional é que os historiadores são questionados para redefinir sua responsabilidade frente a uma demanda de fidelidade memorial.

Rousso, em seus livros mais recentes (2013 e 2016), aprofundando esse debate, problematiza a sacralização da memória, chama atenção para a função crítica da História e a necessidade de distanciamento, que permitem aos historiadores serem menos dependentes dos objetivos políticos, comunitários e identitários que se escondem por trás do dever de memória.¹⁵

Essas análises de Rousso retomam as palavras de Philippe Joutard, que escreveu: “É necessário promover um autêntico dever de História, que parte da memória, dela se nutre, mas sabe tomar a distância necessária em relação a ela”¹⁶.

¹² JOUTARD, Philippe. Memória e história: ¿Como superar el conflicto? *História, Antropología y Fuentes Orales*. Barcelona, n. 38, p. 115, 2007. Atravesar el Espejo.

¹³ NIETHAMMER, Lutz. Conjuntura de identidades coletivas. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 119-145, abr. 1997.

¹⁴ TODOROV, Tzvetan. *Les Abus de la mémoire*. Paris: Arléa, 1995.

¹⁵ ROUSSO, Henry. *La Dernière catastrophe*, 2013, op. cit. e *Face au passé: essais sur la mémoire contemporaine*. Paris: Belin, 2016.

¹⁶ JOUTARD, Philippe. “Memória e história”, op. cit., 2007, p. 15.

Para o historiador do tempo presente e para aqueles que se dedicam ao ensino de História, esses desafios são amplificados, pois ele lida com a memória viva de seus contemporâneos, que influenciam fortemente seu trabalho com questões que dizem respeito à legitimidade da sociedade em que vivemos. As instituições e atores que buscam a legitimação de suas demandas sociais através da História pressionam os historiadores no sentido de referendar seus pontos de vista.

Os questionamentos colocados pelas memórias de grupos sociais que viveram eventos traumáticos, tais como o holocausto, o governo de Vichy na França, as ditaduras na América Latina ou ainda a escravidão de indígenas e africanos na época colonial, demandam da História do Tempo Presente uma gestão de usos sociais e das instrumentalizações da memória ainda não arrefecida e dos passados incompletamente transformados em História.

Essa sensibilidade à demanda social, encontrada nos historiadores que lidam com o tempo recente, dá uma singularidade à História do Tempo Presente e cria limites para seu desejo de fazer uma História tão científica como as outras?

Gérard Noiriel, em seu livro *Qu'est-ce que l'histoire contemporaine*¹⁷, chama atenção para as “relações contraditórias que a História do Tempo Presente e a História Oral mantêm com a demanda social” e denuncia os riscos e as virtudes da “importância assumida pela lógica da perícia” nos historiadores do tempo presente, que “tendem a transformar a História numa espécie de juiz supremo, que distribui os elogios e as reprimendas”.

Apresentada essa discussão, que tem envolvido historiadores de diferentes países e temporalidades, cabe perguntar: Como esse debate tem repercutido no Brasil? Em que medida tem estimulado e legitimado a abertura de novos temas de pesquisa? Ou ainda: Como lidar com temas recentes e sensíveis que têm provocado agudas críticas de setores da sociedade brasileira ou mesmo têm dividido os próprios historiadores sobre o que deve ser ensinado e como deve ser ensinado?

Especialmente as chamadas memórias sensíveis têm mobilizado os movimentos sociais e a comunidade científica, tais como as vítimas da repressão do regime militar, a marginalização dos afrodescendentes que tiveram seus antepassados escravizados, as comunidades indígenas expropriadas. Podem ser mencionados alguns exemplos específicos que têm se manifestado e gerado conflitos, como a discussão da elaboração da Base Nacional Curricular (BNC). A crítica a um ensino de História numa visão europocêntrica e a defesa da valorização da História da África, das comunidades dos afrodescenden-

¹⁷ NOIRIEL, Gérard. *Qu'est-ce que l'histoire contemporaine?* Paris: Hachette, 1998. p. 206.

tes e indígenas são demandas sociais que têm pressionado os historiadores e dividido as opiniões. As várias versões do documento produzidas e o texto encaminhado pelo MEC para avaliação do Conselho Nacional de Educação continuam gerando agudas críticas, oriundas de vários setores da sociedade. Isso coloca em oposição historiadores sensíveis às reivindicações dos movimentos sociais que advogam uma valorização do ensino da História do Brasil com ênfase nas contribuições dos indígenas e negros para a formação de uma identidade brasileira mais plural e aqueles que criticam a eliminação ou minimização da influência da cultura ocidental cristã na formação do Brasil por excluir o estudo da Antiguidade clássica e de temas centrais da História europeia.

Um segundo grande tema que se coloca no Brasil, no momento, é o debate acerca da pretensa neutralidade do ensino de História x um ensino de História ideologizado, que pretende doutrinar os alunos com ideias esquerdistas. Esse ponto de vista está materializado no projeto de lei Escola sem Partido (PL), que acusa professores da educação básica de doutrinar seus alunos, que sem capacidade de crítica e de reação são alvo de manipulação, para convencê-los de ideias contrárias à moral e aos bons costumes, como a difusão da chamada ideologia de gênero e críticas ao sistema capitalista. O desdobramento do projeto, caso aprovado, é a possibilidade de punição, até com a prisão, dos professores que não adotarem um pretenso ensino “neutro”.

Todas essas divergências e conflitos que colocam em oposição não apenas os próprios profissionais da História, bem como esses com outros setores da sociedade brasileira, desafiam-nos a encontrar alternativas inovadoras para o ensino da História.

Perspectivas para o ensino da História no Tempo Presente e o uso da História Oral: em que medida a História Oral pode contribuir para enfrentar esses desafios?

Voltamos às questões iniciais de nosso texto. Como ensinar História no tempo presente? Como ensinar a História do Tempo Presente? Como enfrentar esses desafios?

As considerações já colocadas sobre o domínio da memória, sobre a perda de perspectiva de futuro e, ao mesmo tempo, a supervalorização do imediato manifestada pelo presentismo podem servir de alerta para nos auxiliar a enfrentar as dificuldades que se colocam momentaneamente na sociedade brasileira, tais como: reforma do ensino médio, diluição das fronteiras disciplinares, redução da carga horária da disciplina história escolar, reformulação das licenciaturas, discussão da Base Nacional Curricular, o PL Escola sem Parti-

do, a especialização excessiva da história universitária, competição com os meios de comunicação na transmissão de conhecimentos históricos, a pressão das demandas memoriais.

As reflexões de historiadores como Rousso e Joutard procuraram dar respostas que, ao mesmo tempo, levam em consideração as demandas de memória pela História e produzam uma historização crítica da memória.¹⁸ Depois de terem reconhecido o estímulo que a memória dá à História, chamam atenção para a função crítica dessa última diante da ação inquisitorial da memória.

A tensão entre vítimas, testemunhas, portadoras de memórias e historiadores não deve, contudo, levar a uma declaração de “guerra contra a memória e contra as testemunhas” para “disputar com elas o interesse do grande público”.

Ricoeur propõe ainda sair dessa oposição de um modo que reconheça à memória uma função mais positiva em relação à História.¹⁹ Se a História efetua realmente um trabalho crítico em relação à memória demasiado complacente consigo mesma, a memória permite ao historiador superar uma visão puramente retrospectiva do passado e reencontrar o passado como um presente que foi.

Ampliando o debate sobre o lugar do profissional da História, Gérard Noiriel sustenta que “é necessária uma reflexão crítica e constante sobre a função social da História” e que os historiadores “devem refletir acerca dos motivos dessa demanda, historicizar sua própria ação”²⁰.

Na virada para o século XXI, as respostas dos historiadores a essa pergunta são diversas. Olivier Dumoulin, ao discutir o papel social do historiador, levanta a hipótese de que a justificativa da atividade historiadora, vinculada ao papel social dos seus profissionais, pode modificar “as bases epistemológicas da disciplina histórica”²¹.

É essa tensão entre seu papel social e seu compromisso com a produção científica de conhecimentos que balizaria as novas metas do ofício de historiador.

Christophe Charle foi um dos autores que chamou atenção para os desafios abertos com a midiaticização da história universitária.²² A existência de um duplo mercado de História, um erudito e acadêmico e outro dito de “grande público”, é antiga e traduz a separação entre duas maneiras de escrever

¹⁸ ROUSSO, Henry. *La Dernière catastrophe*, op. cit., 2013; JOUTARD, Philippe. “Memória e história”, op. cit., 2007.

¹⁹ RICOEUR, P. *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

²⁰ NOIRIEL, Gérard. *Qu'est-ce que l'histoire contemporaine?*, op. cit., 1998, p. 206.

²¹ DUMOULIN, Olivier. *Le Rôle social de l'historien: de la chaire au prétoire*. Paris: Albin Michel, 2003. p. 48.

²² CHARLE, Christophe. *Homo historicus*, op. cit., 2013, p. 35-40.

História. Esses desafios afetam todos os profissionais de História, porém mais especialmente aqueles que lidam com o tempo presente.

O *boom* de memórias, o interesse crescente do grande público pelo passado, tem ampliado o espaço dos historiadores nos meios de comunicação e nas publicações para o grande público. Ao mesmo tempo, entretanto, coloca o desafio de ter de transpor e adequar seus conhecimentos para se comunicar com um público não especializado, o que, muitas vezes, os leva à tentação de recorrer a fórmulas simplistas e incompatíveis com os cânones universitários; isso pode abrir espaço para um maior controle da produção histórica por necessidades determinadas fora das lógicas autônomas de pesquisa.

Charle critica ainda as respostas ambíguas dos historiadores às demandas vindas da sociedade e do Estado.²³ Além disso, alerta para os perigos de interferências externas, que podem colocar em risco a autonomia da História como disciplina científica e contaminar o julgamento científico pelo juízo midiático. Nesse quadro, é preciso estar atento à instrumentalização da História pela demanda social e repensar o vínculo entre função do conhecimento e função social da História.

Se vemos que alguns historiadores lançam certos alertas e procuram manter uma distância frente às demandas sociais, outros defendem uma sintonia maior com essas demandas. O posicionamento de Christian Delacroix sustenta que o “historiador não pode abstrair-se totalmente da sociedade; ele precisa se defrontar, porém de maneira consciente, com a questão do seu papel social. E que a História seja uma pura prática de conhecimentos isolados do meio social. O historiador tem um papel social, e nisso sigo uma ideia que Marc Bloch desenvolve em *Apologie pour l’histoire* (*Apologia para a história*), que é a da utilidade da História. Bloch diz que não se pode, em definitivo, evitar a questão da utilidade da História para a vida, mas que ela deve ser submetida à questão de sua legitimidade intelectual e, portanto, de seu trabalho científico”²⁴.

* * * *

Nesse mar de incertezas e dúvidas, além de suas especialidades, os historiadores detêm a responsabilidade da introdução do método histórico e do modo de raciocínio histórico no debate político como um caminho para enfrentar tantos desafios. A História Oral, pelas suas características próprias,

²³ Ibid.

²⁴ DELACROIX, Christian. Entrevista. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, n. 64, p. 327-339, 2012.

pode ser um laboratório para a crítica das fontes, inspirada pela análise dos depoimentos, e pode ter efeito político quando aplicada aos documentos contemporâneos manipulados pela mídia e por interesses eleitorais imediatos.

O método de pesquisa que a História Oral disponibiliza e a própria subjetividade das fontes orais obrigam o profissional de História a valorizar o trabalho com as versões, a enfrentar as distorções, os silenciamentos e pensar o pluralismo dos fatores que intervêm em todas as transformações e permitem refutar os pensamentos dominantes e mecanicistas, derivados de uma visão ideologizada que se pretende neutra.

Em tempos em que os professores são acusados de doutrinar seus alunos, o trabalho com depoimentos que expressem a diversidade de versões e de pontos de vista pode ser um exercício rico e atraente para desenvolver a capacidade crítica e apontar caminhos para a aprendizagem e a verificação, testagem e fidedignidade das informações.

As entrevistas transmitem e reelaboram vivências individuais e coletivas dos depoentes com práticas sociais de outras épocas e grupos. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm.²⁵

Se através do uso da História Oral podemos acessar esse universo simbólico dos indivíduos e grupos sociais, as entrevistas também o permitem e devem ser utilizadas por historiadores como fontes de informação. Utilizadas como os demais documentos históricos, as entrevistas precisam ser analisadas de forma crítica, submetidas a contraprovas, para ser materiais capazes de fornecer pistas e informações preciosas, muitas inéditas, impossíveis de serem obtidas de outro modo.

As pesquisas baseadas em fontes orais, a própria atuação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e o enorme crescimento do uso dessa metodologia têm demonstrado a importância desse tipo de material para a reconstituição de acontecimentos da História do Tempo Presente. Resta expandirmos essa experiência e esse potencial de pesquisa para o ensino de História e para a sala de aula. Certamente, o uso dos depoimentos produzidos através da História Oral pode levar o profissional de História a melhor enfrentar os desafios de definir seu lugar social e o papel social da História.

²⁵ AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história. *História*, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.

Referências

- ALBERTI, Verena. "Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais." *Revista História Hoje*. ANPUH/Brasil. v. 1, n. 1 (2012), p. 61-88. ISSN: 1806-3993. Disponível em: <<http://rhhj.anpuh.org/ojs/index.php/RHHJ>>.
- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história. *História*, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.
- BÉDARIDA, François. Temps présent et présence de l'histoire In: INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Ecrire l'histoire du temps présent: étude en hommage à François Bédarida*. Paris: CNRS, 1993.
- _____. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 219-229.
- _____. (Dir.). *L'Histoire et le métier d'historien en France: 1945-1995*. Paris: Ed. Maison des Sciences de l'Homme, 1995.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). *Passados recompostos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
- CHARLE, Christophe. *Homo historicus: reflexions sur l'histoire, les historiens et les sciences sociales*. Paris: Armand Collin, 2013.
- DELACROIX, Christian. Entrevista. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, n. 64, p. 327-339, 2012.
- _____; DOSSE, François; GARCIA, Patrick (Dir.). *Les Courants historiques en France*. Paris: La Découverte, 2005. p. 203-224.
- DUMOULIN, Olivier. *Le Rôle social de l'historien: de la chaire au prétoire*. Paris: Albin Michel, 2003.
- FERREIRA, Marieta de M. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, maio/jun. 2000.
- _____; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- GONÇALVES, Márcia de Almeida et al. (Orgs.). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012.
- HARTOG, François. *Sur la notion de regime d'historicité*. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick (Dir.). *Historicités*. Paris: La Découverte, 2009. p. 133-150.
- HARTOG, François. *Croire em l'histoire*. Paris: Flammarion, 2013.
- _____; REVEL, Jacques. *Note de conjecture historiographique*. In: _____. (Dir.). *Les usages politiques du passé*. Paris: Ed. L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2001. p. 13-24. Enquete.
- HOBSBAWN, Eric J. *Un Historien et son temps présent*. In: INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Ecrire l'histoire du temps présent: étude en hommage à François Bédarida*. Paris: CNRS, 1993.

HOBSBAWN, E. O presente como história. In: _____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 243-255.

_____. Não basta a história de identidade. In: _____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 281-293.

JOUTARD, Philippe. Memória e história: ¿Como superar el conflicto? *História, Antropologia y Fuentes Orales*. Barcelona, n. 38, p. 115, 2007. Atravesar el Espejo.

LAURENTIN, E. *À quoi sert l'histoire aujourd'hui?* Paris: Bayard, 2010.

MARTIN, Jean-Clement. La Démarche historique face à la vérité judiciaire: juges et historiens. *Droit et Société*, Paris, v. 38, n. 1, p. 13-20, 1998.

NIETHAMMER, Lutz. Conjuntura de identidades coletivas. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 119-145, abr. 1997.

NOIRIEL, Gérard. *Qu'est-ce que l'histoire contemporaine?* Paris: Hachette, 1998.

PERREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. *Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7961/4750>. Acesso em: 15 ago. 2016.

PESCHANSKI, Denis; POLLAK, Michael; ROUSSO, Henry. *Histoire politique et sciences sociales: questions au XX siècle*. Paris: Complexe, 1991.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RICOEUR, P. *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

ROUSSO, Henry. L'Histoire du temps présent, vingt ans après. *Bulletin de l'IHTP*, n. 75, 2000.

_____. *Les dilemmes d'une mémoire européenne*. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick (Dir.). *Historicités*. Paris: La Découverte, 2009. p. 203-224.

_____. *La Dernière catastrophe*. Paris: Gallimard, 2013.

_____. *Face au passé: essais sur la mémoire contemporaine*. Paris: Belin, 2016.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *Les Abus de la mémoire*. Paris: Arléa, 1995.

VOLDMAN, Danièle. *La place des mots, le poids des témoins*. In: INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Ecrire l'histoire du temps présent: étude en hommage à François Bédarida*. Paris: CNRS, 1993. p. 123-132.

WIERSVORKA, Annette. *L'Ère du témoin*. Paris: Plon, 1998.